



CONCEITO DE PESSOA, NAS ENTRELINHAS DA FILOSOFIA, SOCIOLOGIA, PSICANÁLISE E LOGOTERAPIA

Conception of one through the implied sense of Philosophy, Sociology, Psychoanalysis and Logotherapy

Prof. Ms. Carlos EDUARDO FREITAS

Prof. Dr. Eliseudo Salvino GOMES

Prof.^a Iris REIS FERRAZ

Prof. Ms. José Roberto VASCONCELOS¹

¹ Prof. Ms. Carlos EDUARDO FREITAS: Possui graduação em Ciências Sociais com bacharelado em Ciências Políticas e licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2003), graduação em Ciências Sociais com bacharelado em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005). Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). É pesquisador do NÚCLEO DE ESTUDOS CRÍTICOS EM SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS E DIREITOS HUMANOS, na linha de pesquisa DIREITOS HUMANOS E LUTAS POR RECONHECIMENTO: ESTRATÉGIAS, CONTEXTOS E CONFLITOS. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Moral, Sociologia da Educação e Sociologia da Ciência. Atualmente integra equipe de coordenação da pesquisa CONSUMO CULTURAL E SUBJETIVAÇÃO - ATORES SOCIAIS, CÓDIGOS E PRÁTICAS DE CONSUMO CULTURAL E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA CIDADE DE NATAL/RN – Registrada e Financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Também é membro do Projeto de Orientação/Vocação profissional em consultoria ao Colégio Marista de Natal/RN; Professor de Sociologia no Ensino Médio do Colégio Marista de Natal/RN.

Prof. Dr. Eliseudo Salvino GOMES: Doutorado em Psicologia (Clínica) pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2009). Master Oficial: Métodos y técnicas de investigación en Psicología, pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2008). Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR (2002). Formação em Logoterapia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB (1996). Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB (1995). Graduação em Teologia Catequética pela Universidade Católica de Salvador-UCSAL (1993). Membro da Sociedade Brasileira de Logoterapia (SOBRAL). Membro do Grupo de Pesquisa da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS, 2007-2010). Membro do Grupo de Pesquisa NOUS: Espiritualidade e Sentido, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Miembro del Comité Científico de la revista «Foro de Educación -Pensamiento, cultura y sociedad-». Membro do Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, listada no site do Viktor Frankl Institute Vienna. Atualmente, Coordenador Técnico e Professor da Pós-Graduação em Análise Existencial e Logoterapia de Viktor Emil Frankl (Pontificia Universidade Católica do Paraná-PUCPR). Coordenador do Projeto de Orientação Vocacional/Profissional em consultoria ao Colégio Marista de Natal/RN.

Fecha de recepción: 9-IV-2014

Fecha de aceptación: 23-IX-2014

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo principal identificar o conceito de pessoa nas Disciplinas da Filosofia, Sociologia, Psicanálise e Logoterapia; na perspectiva da escolha objetiva do sujeito. Para realizar o estudo desses conceitos, pessoa e escolha, foram utilizadas concepções de diversos autores, além dos teóricos próprios de cada uma das Disciplinas supracitadas. A imbricação entre os distintos teóricos contribui na compreensão dos interesses presentes no processo de escolha de cada pessoa e, nos princípios básicos que o norteia. Com efeito, o ponto de vista que leva uma pessoa a escolher um objeto não é necessariamente idêntico à importância objetiva que o objeto tem em si mesmo: um objeto de escolha como a vocação, pode ser um valor em si mesmo e ainda assim, ser escolhido por razões e interesses profundamente pessoais.

Palavras-chave: Pessoa; Escolha; Filosofia; Sociologia; Psicanálise; Logoterapia.

ABSTRACT: The main goal of this current article is identifying the conception of the one in the disciplines of philosophy, sociology, psychoanalysis and logotherapy; in the perspective of the subject's objective choice. In order to accomplish the study of such conceptions, one and its choice, besides the specialists from each discipline already mentioned, distinct author's conceptions have also been considered. Their overlay contributes to a better understanding of current interests concerning the process of choice by each person, as well as the basic principles which lead one. As result, the standpoint that leads one to choose an object, isn't necessarily identical to the objective importance that the object has itself: an object of choice such as vocation, may be not only a value itself, but also chosen by deeply personal reasons and interests.

Keywords: One; Choice; Philosophy; Sociology; Psychoanalysis; Logotherapy.

Prof.^a Iris REIS FERRAZ: Graduada em psicologia pela Universidade de Salvador-UNIFACS (2005). Psicanalista. Membro do Núcleo Psicanalítico de Salvador, instituição ligada à Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), componente da International psychoanalytical Association (IPA), Federación Psicoanalítica de America Latina (FEPAL) e Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI). Pesquisadora vinculada a REDPECT da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao grupo de pesquisa Arquitetura de Computadores e Sistemas Operacionais-ACSO-UNEB (2008-2009). Orientadora Educacional do Colégio Marista de Natal. Membro do Projeto de Orientação Vocacional/Profissional em consultoria ao Colégio Marista de Natal/RN.

Prof. Ms. José Roberto VASCONCELOS: Licenciado em Letras pela Universidade Potiguar- UNP (1997). Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN (2005). Especialista em Pastoral Escolar pela Universidade Católica de Brasília-UCB (2012). Especialista em Metodologia do Ensino Religioso pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP (2001). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP (2012). Professor de Filosofia e Cultura Religiosa no Colégio Marista de Natal. Membro do Projeto de Orientação Vocacional/Profissional em consultoria ao Colégio Marista de Natal/RN.

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. A influência da educação no processo do ser pessoa. 3. Síntese conceitual. 4. Referências.

INTRODUÇÃO

Viktor Frankl, fundador da Logoterapia, defende a tese que a conduta humana é realmente humana na medida em que ela significa «atuar no mundo» e, que possui conscientemente ou inconscientemente uma religiosidade; a esta tese ele chama de presença ignorada de Deus. Tal descoberta, ele a fez durante sua experiência nos campos de concentração nazistas; entre seus companheiros de prisão ele percebeu que na angústia intensa, aparece uma fé, uma esperança no futuro que faz brotar o sentido da vida.

Portanto, para Frankl (1999, p. 166) os três elementos constitutivos da existência humana, espiritualidade, liberdade e responsabilidade, são três fenômenos primários, irreduzíveis, do ser do homem; não são epifenômenos, senão fenômenos que não podem reduzir a outro anterior ou mais simples.

Freud em interlocução conceitual, a respeito da religião, com um amigo, expressa em seu texto «O Mal Estar na Civilização» (1930) a existência de um sentimento que ele chamou de «oceânico». Este sentimento é descrito como uma sensação de eternidade, ilimitado e sem fronteiras, por isso, «oceânico». Desta forma toda pessoa, mesmo que rejeite qualquer crença poderia chamar-se de religiosa, sem recorrer em erro, tomando como base esse sentimento. Neste texto de caráter antropológico, reflete-se a respeito da origem das insatisfações humanas. Os conflitos entre os instintos e as exigências da civilização.

Na sociologia, o tema da relação entre religiosidade e o conceito de pessoa aparece também de modo articulado. A exemplo disso, Émile Durkheim, sociólogo francês e tido como um dos fundadores da sociologia enquanto ciência objetiva da sociedade, acreditava que a religião oferecia a chave de explicação para a devida compreensão dos modos de pensar e agir dos indivíduos. Segundo Durkheim (2003), nas sociedades primitivas, a religião era a fonte de integração e coesão moral entre os indivíduos. Além disso, a fonte de significação do mundo social. Era da experiência espiritual, seja na forma de ritos, seja na forma acabada de crença religiosa, que derivavam as categorias mais elementares de pensamento e classificação do mundo (noção de gênero, espaço, consequência, noção de classe, etc.).

Não obstante, talvez a afirmação mais impactante feita por Durkheim tenha sido referente à tese, segundo a qual, o conhecimento objetivo próprio do saber científico seria o produto do desenvolvimento histórico do conhecimento objetivo articulado no âmbito interno do pensamento religioso.

Na esteira de Durkheim, o antropólogo francês Claude Lévi-strauss (1987), a partir de suas investigações etnológicas sobre os povos indígenas, defendeu que o conhecimento objetivo produzido pelo «selvagem» respondia a uma necessidade lógica de ordem e significação do mundo.

A busca por um sentido mais profundo da vida fica além de limitações das questões impostas pela sociedade. Segundo Scheler, em sua perspectiva antropológica, o ser humano é dotado de valores espirituais, pois estando aberto a buscar o significado das coisas que se encontra ao seu redor, estendendo seu conhecimento e superando seus impulsos.

Segundo Scheler (1978), é falsa a concepção medieval de um ‘mundo’ que existe independentemente de Deus, de uma criação separada do mundo e da alma. Portanto, a consciência de si mesmo e a consciência de Deus -que já os grandes místicos dos séculos XIII e XIV haviam aproximado aos limites da identidade- se compenetraram em Descartes tão profundamente, que não é mais necessário partir da existência do mundo para concluir na de Deus, (como fazia Santo Tomás de Aquino), senão que, ao inverso, o mundo mesmo é derivado da luz originária, da razão que se sabe arraigado imediatamente na divindade.

2. A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO NO PROCESSO DO SER PESSOA

Reportando à epistemologia da palavra *educação*, nos damos conta que do latim, a palavra *educare*, significa «tirar algo de dentro». Um Educador, portanto, é um fundador de mundos, mediador de escolhas e esperanças. Por isso, dizer que o trabalho do professor não pode ser frutífero, a menos que esteja preparado para abordar os temas relativos a expressões existenciais.

Tomando como ponto fundamental a representação da palavra Educação «tirar algo de dentro». Podemos também falar do ensino que desejamos. O ensino que mostra para o educando o conhecimento que ele possui e não conhecia. Assim como o analista nunca deve agir conforme a crença de seu analisante de que ele é o possuidor do saber, o que em termos técnicos dizemos «suposto saber». O professor não deve agir como sendo ele o único detentor do conhecimento. Neste modelo o aluno assume o papel de aluno, ou seja, aquele que não tem luz, que precisa que o outro, professor, lhe ilumine.

Trazendo essa reflexão para o presente, a educação pode desempenhar um papel decisivo como guia em busca de um sentido, sobretudo para a juventude.

Diz Frankl, citado por Fabry (1984):

é provável que na nossa época, isto é, na época do vazio existencial, a primordial tarefa da educação seja refinar a capacidade que permitirá ao homem encontrar os sentidos únicos, em lugar de se satisfazer em transmitir tradições e conhecimentos (p. 135).

Entretanto, a educação do século XXI deve despertar a habilidade para se tomar decisões independentes e autênticas. É na interação social, portanto, que o indivíduo constitui sua subjetividade. O que confirma a análise sociológica de Simmel (1976), pois, segundo este autor trata-se da *é* a premissa intersubjetiva implícita na noção de interação. Essa mesma premissa foi desenvolvida por outros destacados nomes da sociologia, conforme veremos na síntese conceitual da Sociologia, acerca da pessoa.

Na outra face desta figura da educação, há o protagonismo, onde o sujeito possui o conhecimento a ser desenvolvido pelo seu orientador professor. Maturana e Varela falam da *autopoiesis*, (do grego, criação própria) e que podemos unir à teoria do pensamento complexo de Morin; onde complexo, do Latim, representa «aquilo que é tecido em conjunto» (2002, p. 36).

Para Maturana e Varela (1998), os seres vivos são máquinas que se distinguem de outras por sua capacidade de se «auto-reproduzir». A esta teoria -eles chamaram de «*autopoiese*»-. Portanto, a organização *autopoietica*, significa simplesmente processos concatenados de uma maneira específica tal, que tais processos produzem os componentes que constituem e especificam ao sistema como uma unidade e, por sua vez estabelecem seus próprios limites no processo de *autopoiese* (p. 71).

Deste modo, o educar ocorre todo o tempo e de maneira recíproca; como uma transformação estrutural contingente, com uma história no conviver e, o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. A educação como «sistema educacional» configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação (Maturana, 2002, p. 29).

Os sistemas se recompõem continuamente só que para esse desenvolvimento autônomo é necessário recorrer a recursos do meio ambiente, ou seja, são ao mesmo tempo autônomos e dependentes. Compondo assim o pensamento complexo, na dialética dos seres vivos. Aqui permitam a correlação com a complexidade da relação Educador/Educando e esta relação de autonomia-dependência de cada Educando com seu professor ou do paciente com seu analista.

Na Educação vivemos constantemente esta troca, esta complementar relação de ensinar/aprender ou aprender ensinando.

Ao se perceber no mundo, o ser humano pode ser considerado como o um ser inacabado, pré-moldado. No existencialismo, a perspectiva do ser humano como uma criatura pronta para os desafios é incabível. O ser humano se faz enquanto, sendo enxertado no seu percurso histórico. Sartre lançou luzes sobre essa possibilidade, demonstrando a questão do homem como um sistema aberto, capaz de estar ligado à liberdade. De acordo com Frankl (1972), a Logoterapia traduz o saber da fenomenologia, para utilizar as possibilidades de encontrar de novo um sentido na vida, numa linguagem simples e, para também tornar o homem 'normal' apto a viver com sentido.

Contudo, educar para o sentido da vida, deve pelo menos em tese, apontar para as questões que acendam no ser humano sua essência. Não deve apenas limitar-se a conceitos voltados para as questões de 'engrandecimento' a curto prazo, como é o caso da aprovação dos estudantes em um vestibular.

As críticas feitas por Assmann sobre os encaminhamentos dados pela escola se passam, indicando aos educadores que: «deveriam analisar de que forma a vida dos/as alunos/as é uma vida concreta que, em seu mais profundo dinamismo vital e cognitivo, sempre gostou de si, ou ao menos tentou e volta a gostar de si. A não ser que a própria educação cometa o crime de anular essa dinâmica vital de desejos de vida, transformando os aprendentes em meros receptáculos instrucionais, pensando apenas na 'transmissão de conhecimentos' supostamente já prontos» (2007, p. 29).

Uma das perspectivas logoterapêuticas é a vontade de realizar o sentido percebido através de uma tarefa imposta a si mesmo. A chance educativa de muitas pequenas ocorrências consiste em transmitir que sempre existem maneiras diferentes de se dispor do que o destino nos traz. Neste sentido Lukas (1992), sublinha que devemos enfrentar com coragem e amor a tarefa da educação, pois, só com coragem podemos educar para a coragem, também para a coragem do sofrer, e só com amor podemos educar para o amor à vida (p. 25).

Sabe-se, porém, que essa árdua tarefa de educar deve ser exercida levando-se em conta que os sentidos dos valores exercem grande influência na conduta das pessoas. O Filósofo, Romano Guardini, (apud März, 1981, p. 9) disse sobre aquele que ensina, que «o primeiro que influi é a personalidade do educador; o segundo, sua maneira de agir; somente em terceiro lugar, o que diz».

No processo de escolha Vocacional/Profissional, o estudante do ensino médio precisa de uma orientação educacional que vá além dos programas curriculares; está em 'jogo' uma vida que tem no seu cerne influências das distintas dimensões: familiar, amigos, mídia e tantos outros aspectos próprios do viver humano. No dizer de Bauman (2006), o 'multiculturalismo ou pluralismo' é a resposta mais habitual entre as classes cultas e criadora de opinião, à incerteza mundial em relação a que tipos de valores merecem ser estimados e cultivados e, que decisões devem seguir-se com firme determinação.

O último ano da vida escolar parece condensar as exigências do ideal do eu com os sonhos de infância. Falamos de «sonhos de infância» desejando traçar um paralelo com o superego, pois sabemos que, para a psicanálise, é do complexo de Édipo que se origina o superego, fonte das interdições internalizadas. Fazemos essa alusão para estabelecer a relação de dependência e obediência entre o filho e seu pai e do ego ao superego. Para tanto trazemos as palavras do próprio Freud em seu texto *As relações Dependentes Do Ego*, «tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego» (Freud, 1987a, p. 64). Neste período da vida escolar evidencia-se a dualidade entre a criança e o adulto, a obediência da posição de filho e a independência do sujeito, e se impõem questões como o da escolha profissional e o caminho nem sempre atrelado ao idealizado pelo pai. Neste ponto vale lembrar as expectativas e idealizações sociais introjetadas, formando assim o *ideal do eu*.

O objetivo central do Projeto de Orientação Vocacional/Profissional é alcançar o desejo relacionado ao Eu do sujeito, a partir da interface entre a Filosofia, Sociologia, o pensamento psicanalítico de Freud e a Análise Existencial de Frankl. Desta forma é possível falar a respeito do *eu-ideal*, pois, aqui tratamos de escolhas relacionadas ao sujeito. Para Lacan, o eu é o registro do imaginário, portanto, o *ideal-do-eu* estaria no registro simbólico, ou seja, nos símbolos sociais; como um dos campos de entendimento da constituição deste sujeito.

Freud, nas palavras de Novaes (2005, p. 40) diz que uma unidade comparável ao eu não pode existir desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo -uma nova ação psíquica- a fim de provocar o narcisismo.

Entretanto, Taylor (2010) entende o agente como um ser que age e faz escolhas dentro de um horizonte de significados, compartilhados intersubjetivamente e articulado pela linguagem. Desta forma, se é verdade que o agente age no mundo orientado pela busca de sentido em sua vida, também é verdade que a articulação desse sentido, seja ele originalmente interno ou externo, portanto, só é possível por meio de alguma forma de linguagem, o que significa interagir no interior de alguma comunidade comunicativa e/ou intersubjetiva.

Por outro lado, de acordo com Manenti (1993, p. 210), o *eu ideal* é o eu que, uma vez que intui um valor, procura realizá-lo progressivamente. É, pois, um eu que se transcende: refere-se a algo ainda não alcançado, que ele não criou, mas encontra além e acima de si.

No entanto, o que muda no eu idealizado, em relação ao eu ideal, é a função dos valores, que servem para reforçar a autossuficiência. Desse modo, vai de encontro à autenticidade de suas opções mais genuínas; provocando no sujeito insatisfação consigo

mesmo. No dizer de Figueiredo (1996, p. 21), o mundo e o eu, a luz e o fogo distinguem-se nitidamente e, apesar disso, nunca se tornam definitivamente estranhos um ao outro, pois o fogo é alma de toda luz, e todo o fogo se reveste de luz.

Rulla (1987) nos seus estudos acerca da personalidade, do ponto de vista estrutural; sublinha que no nível estrutural o *eu ideal* pode ser compreendido em dois aspectos: o *eu institucional* referindo-se às expectativas que a pessoa tem para si e o que as influências externas lhe condicionam; e o *eu pessoal* que são os ideais que a pessoa escolhe para si, como missão a realizar (pp. 197-207). Nesta mesma linha segue o pensamento de Taylor (1994), ou seja, a autenticidade é em si mesma uma ideia de liberdade; propõe que cada um encontre o propósito de sua vida frente às exigências de conformidade com o mundo exterior.

De acordo com Taylor, só será possível educar na autenticidade, respeitando a hermenêutica; resgatando os horizontes de significado e a dialogicidade constitutiva do ser humano. Portanto, o contato com a voz interior impõe o princípio da originalidade, isto é, ‘só não devo ajustar minha vida às exigências da conformidade exterior’; mas também ‘não posso sequer encontrar um modelo de vida fora de mim mesmo’. Só podemos encontrá-lo dentro de nós mesmos. Em definitiva a autenticidade em Taylor adquire categoria moral e ética para reencontrar apenas o que para cada pessoa lhe é útil, não compactuando sob o ângulo da pluralidade ou de uma vida ‘democrática’ (1994, p. 43).

Charles Taylor citado por Bauman recrimina aos intelectuais de predisposição ‘multiculturalista ou pluralista’ a atraiçoar a sua vocação acadêmica, tanto que deveria censurá-los por esquivar os deveres do *homo politicus*, membro da -comunidade política-. Sugere Taylor que nos casos nos que nos pareçam que sabemos de uma determinada cultura é valiosa em si mesma e, portanto também digna de perpetuação, não deveria restar nenhuma dúvida de que a diferença encarnada por uma determinada comunidade tem que ser preservada para o futuro e, portanto é necessário restringir os direitos dos indivíduos atualmente vivos, a tomar eleições tais que fizeram duvidoso o futuro dessa diferença (Bauman, 2006, p. 134).

Entretanto, nas palavras de Frankl (2003, p. 46), não deveríamos inventar ou perguntar pelo sentido da vida, porque somos nós mesmos os que somos interrogados; somos nós os que devemos responder às perguntas que a vida nos apresenta. E estes interrogantes da vida; somente podemos contestá-los ao responsabilizar nossa existência. Frankl, citando a Kant diz que toda coisa tem um valor e apenas o homem tem sua dignidade. Contudo, o ato de escolher, segundo Frankl (1994) exige da pessoa a liberdade; incluindo a liberdade de tomar posição frente a si mesmo e, com esse fim, distanciar-se, em primeiro lugar de si mesmo, para tomar a decisão por ela mesma (p. 152).

O ser humano indaga sobre seus atos como um processo ligado à sua própria estrutura, onde se ‘aninham’ seus anseios e utopias. Portanto, encontra-se um ser humano influenciado pelo processo histórico, na realidade à qual está inserido. Assim, Morin (2002) indica a crise gerada pelos indicativos da *modernidade*, a qual frustrou a esperança de uma sociedade plena, onde os indivíduos passaram a mecanizar-se de forma progressiva, gerando um contínuo patamar de indiferenças que reduziram o ser humano a um ser de produção, desvalorizando, mas não anulando a perspectiva do mítico e do poético.

Não obstante, encontramos o *homo complexus* que, sendo bem trabalhado no âmbito educacional, posta-se diante da realidade que o cerca como sujeito capaz de entender-se e como aquele que pode alterar a sua própria realidade. Em caso contrário, o ser, como sujeito protegido e fechado à fronteira porosa entre o dentro (o pensamento) e o fora (a natureza, o físico) constitui em parte uma questão de viver num mundo desencantado (Taylor, 2010, p. 358).

Buscar o entendimento, na realidade atual, é comungar com as diversas possibilidades «empacotadas»; no que se refere à busca da felicidade, o que se torna um tanto quanto complexo, tendo em vista que na sociedade do descartável e dos «pacotes de promoção», vende-se o modelo de educação, de amor, de corpo, de vocação e todo o mais que saciar as necessidades, tanto físicas como espirituais que o ser humano tanto procura. Na esfera educacional, as vitrines se destacam de modo a gerar uma pseudo espiritualidade ou desejo de vitória momentânea, sem um mergulho na sua própria consciência, ou seja, um mergulho em si mesmo.

Orienta Frankl (1991): não procurem o sucesso ou a felicidade diretamente. Quanto mais os procuram e os transformarem num alvo, mais se vai errar. A felicidade, portanto, deve acontecer naturalmente, e o mesmo ocorre com o sucesso; precisa-se deixá-lo acontecer, não se preocupar-se com ele. O importante, é que escutem o que a própria consciência diz e o que devem fazer; colocando em prática da melhor maneira possível (p. 11).

Segundo Scheler (2003, p. 35), a essência do homem e isto que se pode chamar a sua posição peculiar; encontra-se muito para além do que se denomina inteligência e capacidade de escolha, e que elas tampouco seriam alcançadas se se representasse esta inteligência e capacidade de escolha de uma maneira quantitativa qualquer, sim, projetada até o infinito.

De acordo com Herrera (2006, p. 97), Frankl e Scheler coincidem em assinalar a importância da confrontação entre a dimensão do espírito humano e a facticidade física. Scheler apresenta uma antropológica na qual a pessoa está radicalmente aberta ao mundo. Por sua parte, Frankl afirmará a existência do antagonismo psicoonético, que expressa a fundamental capacidade humana de enfrentar os condicionamentos e a facticidade psicofísica porque a pessoa é uma existência espiritual, livre e responsável.

Retornando a Taylor (2010), este vai afirmar que dada a condição ontológica do ser humano como «animal linguístico», o mesmo não consegue abdicar de questionamentos existenciais sobre o sentido do mundo e de sua existência. De algum modo, o indivíduo articula uma linguagem para a sua experiência vivida, embora a forma de articulação possa ser bastante diversificada. Diferente do restante dos animais, o ser humano além dos «desejos de primeira ordem», também é portador de «desejos de segunda ordem», isto é, da capacidade de *avaliar* e distinguir entre aqueles desejos realmente *desejáveis* e aqueles *indesejáveis*. Essa capacidade de «autoavaliação» seria característica estritamente humana. Mas ainda há mais sobre nossa capacidade de autoavaliação dos desejos, nos avisa Taylor (2007). Nossa avaliação dos desejos é *qualitativa*. Dito de outro modo, sempre nos apoiamos em julgamentos acerca de quais desejos nós devemos nos guiar.

Com efeito, ainda segundo o mesmo filósofo canadense, as formas de articulação da compreensão do mundo e de experiências seriam, conjuntamente, o dado histórico e cultural que sempre pode está sujeito a ressignificações sociais, conforme os modos de vida e as comunidades de valores.

Na chamada «modernidade», em particular, dois importantes horizontes ideais de sentido para o agir humano são também, nas palavras de Taylor (2005), constitutivos da «identidade pessoal»: a afirmação da vida cotidiana e o ideal de autenticidade. Esses dois ideais operam como «ideias-força» nos critérios de julgamento e no significado «boa vida», para nós, modernos.

A afirmação da vida cotidiana seria, segundo Taylor (2005, pp. 273-280), uma ética caracterizada fundamentalmente pela compreensão compartilhada que a «vida boa» se identificava com práticas intramundanas, tais como o trabalho, o casamento e família, todas estas, referentes a dimensões da produção e reprodução da vida humana. Desse modo, trabalho, casamento e vida familiar estiveram no horizonte de bem viver do homem moderno. Sobre as fontes dessa autocompreensão de vida plena, Taylor destaca: o impulso promovido pelo renascimento científico, com seu discurso de valorização do conhecimento produzido a fim de melhorar a vida cotidiana; e a Reforma, responsável por disseminar o novo sentido de «ética do trabalho».²

Além da ética da vida cotidiana, conforme já mencionado anteriormente, Taylor vai destacar um outro importante ideal de bem viver compartilhado pelos modernos e que ocupa lugar especial em nossa autocompreensão do que significa uma vida rica de significados. Estamos falando exatamente do ideal de autenticidade.

Mais, ainda sobre esse mesmo ideal, Taylor acredita que vivemos atualmente na «Era da Autenticidade». Que nossa civilização ocidental teria sido submetida a uma «revo-

² Sobre o papel destacado da Reforma na massificação da ética do trabalho, ver principalmente a obra clássica de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (2004).

lução cultural», cuja principal característica seria o deslocamento para um «novo eixo» de crenças que gravitam em torno do que ele define como «individualismo expressivo». Sua origem remontaria ao expressivismo romântico do final do século XVIII, compartilhado pelas vanguardas artísticas e intelectuais. Porém, é somente a partir da experiência histórica da «crítica estética»³ articulada pelo movimento contracultural da década de 1960, que a autocompreensão expressivista se tornará um fenômeno de massa (2010, p. 555).

Porém, ressalta Taylor, isso não significa afirmar que o individualismo seria uma cultura recente que emergiu apenas no século XX. De modo algum! O individualismo enquanto crença e prática compartilhada coletivamente já existia bem antes, desde o século XIX. No entanto, sob uma forma instrumental e moral/espiritual. O que há de novo, de fato, é a sua face «expressivista».

Assim como acontece com o ideal de afirmação da vida cotidiana, nossa compreensão a respeito do que significa uma vida plena de ser vivida se alimenta em grande medida da busca por autenticidade.

Frankl (1989) corrobora com Taylor ao afirmar que toda pessoa humana representa algo de único e cada uma das situações da sua vida algo que não se repete. É por isso que cada pessoa só pode ter, em cada momento, uma missão única; e é assim precisamente que esta peculiaridade do que é único comunica a tal missão o caráter de absoluto (p. 75). Portanto, a primeira e mais imediata missão de cada pessoa, está precisamente em descobrir a própria missão e em avançar resolutamente ao encontro do sentido da vida.

Em relação ao problema de saber como poderia decifrar o sentido da vida, digamos assim, no seu ser a direção do seu *dever-ser*, nada melhor do que ater-se à resposta de Goethe: «Tenta cumprir o teu dever e logo saberás o que há em ti».

De acordo com Maslow (1979), nas pessoas realizadas, verifica-se que dever e prazer são a mesma coisa, assim como são sinônimos trabalho e jogo, egoísmo e altruísmo, individualismo e companheirismo. Sabemos, portanto, que elas são assim, mas ignoramos como se fizeram assim. Por isso, a forte intuição, de que tais pessoas autênticas, plenamente humanas, são a concretização do que muitos seres humanos também poderiam ser. Neste sentido, poderia-se alimentar esperanças pela humanidade porque, em princípio, qualquer um poderá tornar-se um bom e realizado ser humano (p. 196).

³ «Crítica estética» é o termo utilizado pelos sociólogos franceses Luc Boltanski e Ève Chiapello para se referir ao conteúdo normativo articulado pelo movimento de contracultura da década de 1960, dentre os quais, se destacou o conhecido movimento «maio de 68». Todos esses movimentos compartilhavam o mesmo sentimento de indignação e de crítica diante da cultura dominante de época, principalmente em seus elementos, segundo aqueles, bloqueadores da possibilidade de autodefinição e autodeterminação dos indivíduos e grupos. Para saber mais, ver Boltanski e Chiapello (2009).

3. SÍNTESE CONCEITUAL

a) Conceito de pessoa na Filosofia, segundo Max Scheler e Ludwig Binswanger

Segundo Scheler (1976) a essência do homem, o que se pode chamar a sua posição peculiar, está muito acima do que se denomina inteligência e aptidão para a escolha; e não se chegaria lá, mesmo se estas faculdades se representassem ampliadas, seja a que grau for e, inclusive, se intensificassem até ao infinito. Portanto, a sua especificidade não radica em ulteriores estádios do ser orgânico e vital, mas na dimensão espiritual, inserida no cosmos.

Por *espírito* Scheler entende, objetividade, possibilidade de ser determinado pela maneira de ser dos objetos mesmos. Neste sentido, o conceito de pessoa preconizado por Scheler aponta para o ser espiritual. Pelo conceito de pessoa defende que é através da simpatia que nasce a autenticidade das relações; aberto ao mundo, projeta-se para além das pressões que possam existir no ambiente em que vive. Tal concepção de pessoa, se interligam com o axioma dos valores; tendo em vista que a ética está voltada para o valor e não para o dever. Desta forma, critica-aos aspectos da ética em Kant, como se observa em Antiseri e Reale, (2006):

Para Scheler, porém, não é o dever que constitui o conceito fundamental da ética, e sim o valor. E Kant não distinguiu os bens dos valores. Os bens são coisas que tem valor (p. 186).

Em definitiva, Scheler pensa o eu como um ser espiritual e pensa que seus atos estão em sua exteriorização; tais vivências, sem o eu, desaparecem, pois, são abstratas.

No tocante às ideias de Binswanger, este tem como norte as concepções de Heidegger, indicando o *Dasein*, o ser no mundo como ideia totalizante de pessoa. Consequentemente o ser humano é um ser de transcendência, pois esta reside na pessoa, que fica em constante unidade com o mundo, desvelando um diálogo constante.

Binswanger (1973) seguindo ao filósofo Martin Buber, acrescenta uma nota mais positiva à ideia de caída: o aplica à noção de «amplitude» em direção aos outros (eu-tu) e ao amor; -se o *dasein* é uma abertura, podemos abriremos em direção aos demais. Portanto, a pessoa não está «fechada» em si mesma, mas percebe o potencial humano como uma parte intrínseca do *dasein*, e inclusive o outorga um lugar especial referindo-se a ele como «estar-além-do mundo».

b) Conceito sociológico de pessoa a partir de Georg Simmel, Charles Cooley, Jürgen Habermas e Charles Taylor

No terreno próprio da sociologia, talvez seja difícil extrair um conceito geral de pessoa. E grande parte dessa dificuldade tem relação com a forte heterogeneidade de

correntes de pensamento acerca do que significa a agência humana. Ainda assim, gostaríamos de articular um sentido sociológico de pessoa derivado da síntese de três perspectivas teóricas que compartilham mais ou menos a mesma compreensão construcionista e intersubjetiva do indivíduo.

A primeira delas foi desenvolvida pelo sociólogo alemão Georg Simmel e põe em relevo a noção de interação. Para Simmel (1976), a unidade de análise que permite a compreensão da realidade social é a «interação». Presente desde a forma mais elementar de relação sociológica, isto é, um encontro face a face entre dois indivíduos -que recebeu o nome de «díade» de Simmel- até uma multidão mais ampla na sociedade.

Charles Cooley, sociólogo americano que integrou o círculo de pesquisas microsociológicas da chamada Escola de Chicago, também desenvolveu uma interessante interpretação sociológica para a formação da pessoa. Cooley (1976, pp. 171-172) defendia que a comunicação desempenhava um papel fundamental no desenvolvimento da «mente». Dito de outro modo, experiências de interação comunicativa possibilitavam o estímulo necessário para o desenvolvimento dos nossos sentidos e do nosso pensamento.

Essa mesma ideia também foi explorada pelo sociólogo contemporâneo Jürgen Habermas, que a atualizou numa perspectiva hermenêutica e pragmática. O indivíduo ou «pessoa» seria formado a partir de inúmeras experiências de aprendizado reflexivo e moral intersubjetivo, desenvolvendo sua autoconsciência moral e cognitiva nas relações mediadas pragmaticamente pela linguagem.

Finalmente, uma terceira posição sobre o olhar intersubjetivo da construção do indivíduo pode ser creditada à noção de agente humano de Taylor, já mencionado em outra parte deste artigo.

A partir das ideias trabalhadas pelos quatro autores mencionados acima, podemos extrair a mesma premissa sociológica que coloca em ênfase, o papel da interação intersubjetiva como ponto de partida da construção da pessoa. Soma-se a isso a pertinente questão da busca de sentido.

c) Conceito de pessoa na Psicanálise de Sigmund Freud

Não é possível falar da existência do Eu como uma unidade que sempre existiu. Seu desenvolvimento está atrelado ao desenvolvimento do narcisismo. Assim o estado anterior ao narcisismo é chamado de auto-erotismo, onde o corpo é tido como fragmento, pois ainda não existe uma unidade, ou melhor, um «eu» estabelecido. As satisfações auto-eróticas estão ligadas à finalidade de autopreservação. Primeiro encontra-se a satisfação de uma necessidade, ordem biológica, depois a transformação do instinto em pulsão, ordem psicológica. Neste sentido, afirma Freud:

«Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais -ele próprio e a mulher que cuida dele- e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual em alguns casos pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal» (1914, p. 95).

Entretanto, a compreensão do comportamento humano é quase sempre o resultado da interação do *id*, *ego* e *superego*; raramente um sistema funciona com a exclusão dos demais. Nas palavras de Freud (1969, p. 94), o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio de prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início.

O ideal do ego é o termo utilizado por Freud em sua segunda teoria do aparelho psíquico: instância da personalidade que resulta da convergência do narcisismo (idealização do eu) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos. O conteúdo ideal do ego, portanto, a ele apropriado seria exatamente o de ilimitabilidade e de um vínculo com o universo (Freud, 1969, pp. 85-86).

O ideal do ego responde a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem. Em algumas de suas obras intervenientes, particularmente em vinculação ao narcisismo, o 'ego' parece corresponder, sobretudo ao 'eu' (*self*) e, o autojulgamento que declara que o ego não alcança o seu ideal, produz o sentimento religioso de humildade a que o crente apela em seu anseio. Sinala Freud (1923): à medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência a exercer a censura moral (p. 18).

d) Conceito de pessoa na Logoterapia de Viktor Frankl

De acordo com Frankl (1994), a pessoa é um indivíduo, que não se admite ser dividido, partir, porque é uma unidade e totalidade, sendo a integração de três níveis de existência: o físico, o psíquico e o espiritual. Por seu caráter espiritual, a pessoa se encontra em contraposição heurística e facultativa com o organismo psicofísico.

Em Frankl, o homem é visto como um ser essencialmente livre e responsável por sua própria existência. Pode entender-se que para este autor a existência autêntica está relacionada com um sujeito responsável, não dirigido e nem impulsionado, ou seja, a um *eu* que decide por si mesmo. O ser humano é livre, posto que a liberdade de decidir, o chamado *libre arbitrio* é coisa óbvia ao homem sem prejuízos, que tem a experiência vivencial e imediata de si, como ser livre. Desta forma, o próprio Frankl justifica o conceito da liberdade/responsável, ao dizer que não se pode persuadir a outros de algo que não estão convencidos. Na compreensão frankliana o homem se faz consciente de sua responsabilidade em relação ao ser humano que

o espera com todo seu afeto ou em relação a uma obra inconclusa e, não poderá jamais, tirar sua vida.

Frankl coincide com Scheler, ao afirmar que a pessoa está aberta ao mundo e dirigida para algo ou para alguém diferente de si mesma. A marca característica da existência humana é a coexistência entre sua unidade antropológica e suas diferenças ontológicas. Em duas palavras: a existência humana é uma *-unitas multiplex-*, para usar a expressão de Santo Tomás de Aquino. Neste sentido a psique é «inteira», uma unidade; não do tipo da homogeneidade amorfa, mas como se diz na contemporaneidade: trata-se de uma unidade estruturada.

Portanto, toda pessoa humana representa algo de único e cada uma das situações de sua vida algo que não se repete. É por isso que cada pessoa somente pode ter, em cada momento, uma missão única; e é assim precisamente que esta particularidade, a de ser único, comunica a tal missão o caráter de absoluto.

Em suma, o conceito de pessoa segundo a Logoterapia está apoiado em três colunas: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida (Frankl, 1994, p. 16). A primeira delas, a liberdade da vontade, está em oposição a um princípio que caracteriza a maior parte das ideias atuais acerca do homem, a saber, o determinismo. A vontade de sentido é proposta como diferenciada dos conceitos de vontade de poder e vontade de prazer, apresentados pela psicologia adleriana e freudiana respectivamente. E o sentido da vida se refere à questão do relativismo versus o subjetivismo.

4. REFERÊNCIAS

- Antiseri, D.; Reale, G. (2006). *História da filosofia, 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus.
- Assmann, H. (2007). *Reencantar a Educação: Rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bauman, Z. (2006). *Comunidade - en busca de seguridad en un mundo hostil*. Madrid: Siglo XXI.
- Binswanger, L. (1973). *Artículos y conferencias escogidas*. Madrid: Gredos.
- Boltanski, L.; Chiapello, E. (2009). *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cooley, C. (1976). O significado da comunicação para a vida social. In: Cardoso, Fernando; Ianni, Octavio (1976). *Homem e Sociedade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

- Durkheim, E. (2009). *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo, Martins Fontes.
- Fabry, J. (1984). *A busca do significado*. São Paulo: ECE.
- Figueiredo, L. C. (1996). *A invenção do psicológico (quatro séculos de subjetivação 1500 - 1900)*. São Paulo: PUC-SP.
- Frankl, V. (1972/1994). *Der Wille zum Sinn: Ausgewahlte Vorträge über Logotherapie Mit einem Beitrag von Elisabeth S. Lukas*. Bern: Verlag Hans Huber. (La voluntad de sentido. Barcelona: Herder).
- Frankl, V. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. (1991). *El hombre en busca de sentido*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (1991a). *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (1994). *La voluntad de sentido*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (1999). *La idea psicológica del hombre*. Madrid: Rialp.
- Frankl, V. (2003). *Lo que no está en mis libros: memorias*. Buenos Aires: San Pablo.
- Freud, S. (1914). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1914. Vol. XIV.
- Freud, S. (1923). *O Ego e o Id e outros trabalhos*. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1923. Vol. XIX.
- Freud, S. (1969). *O mal estar na civilização*. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XXI.
- Freud, S. (1987). *O mal-estar na civilização*. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI.
- Freud, S. (1987a). *As Relações Dependentes do Ego*. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol. XIX.
- Habermas, J. (2012). *Teoria do Agir Comunicativo, vol. 2: Sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Martins Fontes.
- Herrera, G. P. (2006). *Viktor Frankl: Comunicación y resistencia*. Buenos Aires: San Pablo.
- Lacan, J. (1983). *O Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud 1953-1954*. (B. Milan, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lévi-strauss, C. (1989). *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papyrus.
- Lukas, E. (1992). *Prevenção psicológica* (coleção Logoterapia vol. 7). Petrópolis: Vozes.
- Manenti, A. (1993). *Viver os ideais - Entre o medo e o desejo*. São Paulo: Paulinas.
- März, F. (1981). *Dos ensaios de pedagogia existencial*. Barcelona: Herder.
- Maslow, A. H. (1979). *Introdução à Psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado.
- Maturana, H. (2002). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana, H., Varela, F. (1998). *De máquinas y seres vivos - Autopoiesis: la organización de lo vivo*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva; Jeanne Sawaya. 5ª ed. São Paulo: Cortez.
- Novaes, M. A. A. (2005). Como se faz corpo? Considerações sobre o ideal em Freud e Lacan. Pulsional. *Revista de psicanálise - Artigos ano XVIII n°182. Junho*.
- Rulla, L. M. (1987). *Antropologia da vocação cristã – Bases interdisciplinares*. São Paulo: Paulinas.
- Scheler, M. (1976). *El puesto del hombre en el cosmos*. Buenos Aires: Losada.
- Scheler, M. (1978). *La idea del hombre y la historia*. Buenos Aires: Pléyade.
- Scheler, M. (2003). *A posição do homem no Cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Simmel, G. (1976). *O individuo e a diáde*. In Cardoso, F.; Ianni, O. *Homem e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Taylor, C. (1994). *La ética de la autenticidad*. Barcelona: Paidós.
- Taylor, C. (2005). *Charles. As fontes do Self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola.
- Taylor, C. (2007). O que é agência humana in Souza, Jessé; Mattos, Patrícia. *Teoria crítica no século XXI. Anablume*, pp. 7-40.
- Taylor, C. (2010). *Uma era secular*. São Leopoldo, RS: UNISINOS.
- Weber, M. (2006). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Página intencionadamente en blanco